



Sonia Netto Salomão | Mariagrazia Russo

Giorgio de Marchis | Simone Celani | Federico Bertolazzi

a cura di

# “Livre no tempo e em pedra aprisionada”

Roma nas culturas de língua portuguesa



Edizioni Nuova Cultura





**Luso**  
**Brasiliana**

Collana di studi linguistici,  
letterari e storico-culturali



“Livre no tempo  
e em pedra aprisionada”  
Roma nas culturas de língua portuguesa

a cura di

Sonia Netto Salomão, Mariagrazia Russo,  
Giorgio de Marchis, Simone Celani,  
Federico Bertolazzi



Edizioni Nuova Cultura

## Collana Luso Brasiliana

La collana intende presentare temi relativi agli studi linguistici, letterari e storico-culturali di una complessa area scientifica che comprende non solo Portogallo e Brasile, ma anche l’Africa e alcune aree asiatiche. Si propone, inoltre, di divulgare e approfondire ricerche provenienti da questi contesti multiculturali, nell’ambito di un confronto di paradigmi critici internazionali e interdisciplinari. Si darà particolare attenzione alla prospettiva comparativa e storico-filologica relativa alla ricerca e alla ricostruzione di testi luso-brasiliani ancora dispersi nelle biblioteche italiane, mirando alla loro divulgazione.

### *Direttore Scientifico*

Sonia Netto Salomão, *Sapienza Università di Roma*

### *Comitato Scientifico*

Antônio Celso Alves Pereira, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro* • Kenneth David Jackson, *Yale University* • Ivo Castro, *Universidade de Lisboa* • Dinah Callou, *Universidade Federal do Rio de Janeiro* • Evanildo Bechara, *Academia Brasileira de Letras* • João César de Castro Rocha, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro* • José Luís Jobim, *Universidade Federal Fluminense* • Sérgio Nazar David, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro* • Sidney Chalhoub, *Harvard University* • Hélio de Seixas Guimarães, *Universidade de São Paulo*.

Il comitato scientifico non risponde delle opinioni espresse dagli autori nelle opere pubblicate.



### *Revisione tecnica*

Sapienza Università di Roma: Michela Graziosi, Marcella Petriglia, Veronica Pietrozini

Roma Tre: Giorgio de Marchis e Luigia De Crescenzo

Roma Tor Vergata: Chiara Mancini, Claudio Trognoni e Rochelle de Sousa Guimarães.

UNINT: Maria Serena Felici, Alessandra Semeraro.

Pubblicazione realizzata con il contributo delle Cattedre dell’Istituto Camões di Lisbona: António Vieira, Sapienza; José Saramago, Roma Tre; Agustina Bessa-Luís, Tor Vergata; Vasco da Gama, UNINT



AB-L  
Cattedra  
Agustina  
Bessa-Luís



Copyright © 2024 Edizioni Nuova Cultura – Roma

ISBN: 9788833656977

DOI: 10.4458/6977

Composizione grafica e Copertina: a cura della casa Editrice

Revisione a cura degli Autori

In copertina: “ROMA, 2006”, particolare. Olio su tela 95 x 135 cm, Nadir Afonso.

L’autorizzazione per la riproduzione è di Laura Afonso e della Fondazione Nadir Afonso.

È vietata la riproduzione non autorizzata, anche parziale, realizzata con qualsiasi mezzo, compresa la fotocopia, anche ad uso interno o didattico.



## Índice

### *Prefácio*

*Os estudos luso-afro-brasileiros na Itália e em Roma*

Sonia Netto Salomão ..... 7

### *Introdução*

Sonia Netto Salomão, Mariagrazia Russo, Giorgio de Marchis,

Simone Celani, Federico Bertolazzi ..... 9

*Roma e a expansão portuguesa: a criação, a evolução e o ocaso  
do Padroado*

Nuno da Silva Gonçalves ..... 15

*D. Miguel da Silva na Roma do Renascimento.*

*O diplomata e o humanista*

Rita Marnoto ..... 31

«Falo onde sei que sou crido».

*Os Diálogos em Roma, de Francisco de Holanda*

Isabel Almeida ..... 45

*Os Franciscos de Roma*

Federico Bertolazzi ..... 63

«Roma, cidade “dove cemo”».

*Francisco de Holanda em Roma: lugares, personagens, ideias*

Claudio Trognoni ..... 75

*A embaixada Tenshō na Cúria Romana (1582-1590):*

*presença dos portugueses, história e cultura lusitanas. Notas.*

Carlo Pelliccia ..... 89

*Antônio Vieira e a cidade eterna: da corte romana à pregação universal*

Sonia Netto Salomão ..... 115

*A estada do embaixador D. Miguel, bispo de Lamego, em Roma:*

*o relato da desventurada missão diplomática na “Gazeta da Restauração”  
(1641-1643)*

Maria Antonietta Rossi ..... 133

<i>Lourenço da Silva Mendonça, um anti-escravista na Roma do século XVII: escravidão atlântica e a reivindicação da justiça universal</i>	
José Lingna Nafafé .....	155
<i>António Manuel Ne Vunda: o primeiro embaixador africano no coração da Cidade Eterna</i>	
Luigia De Crescenzo .....	177
<i>A diáspora dos Jesuítas na Itália papal: um olhar a partir de Roma</i>	
Mariagrazia Russo .....	191
<i>Comunidade e abandono: Murilo Mendes e a arte como pátria</i>	
Ettore Finazzi-Agrò .....	207
<i>Traçando Roma. O exílio (não) turístico de Luís Fernando Veríssimo</i>	
Luca Bacchini .....	217
<i>A Rominha do ex-índio Isaías Mairum</i>	
Gislaine Marins .....	233
<i>Tempo angolano em Roma</i>	
Giorgio de Marchis .....	249
<i>Episódios de uma mitologia cabralina: Amílcar Cabral em Roma no verão de 1970</i>	
Vincenzo Russo .....	259
<i>O século XX brasileiro e a escola romana de pintura: uma coleção italiana em São Paulo</i>	
Ana Gonçalves Magalhães .....	273
<i>Portugal em Itália, um olhar artístico. Joana Vasconcelos: Tutti Frutti</i>	
Barbara Aniello .....	297
<i>Roma como ideia: breve história de um cronótopo lusitano</i>	
Simone Celani .....	307
<i>Roma: paisagem da alma</i>	
Jorge Vaz de Carvalho .....	317

# A estada do embaixador D. Miguel, bispo de Lamego, em Roma: o relato da desventurada missão diplomática na “Gazeta da Restauração” (1641-1643)

Maria Antonietta Rossi  
Università per Stranieri di Siena

## 1. Considerações iniciais: a viagem a Roma de D. Miguel, bispo de Lamego, como experiência de desencontro

Ao longo dos séculos, a Cidade Eterna sempre atraiu, desde a sua fundação<sup>1</sup>, estrangeiros oriundos de várias partes do mundo, razão pela qual, no século XVIII, foi eleita como meta icônica e privilegiada do itinerário educacional do *Grand Tour*<sup>2</sup>. Não obstante o Vaticano, na época barroca, ter ativado um rígido plano contrarreformista em oposição à profunda crise religiosa causada pela difusão dos movimentos luteranos e cismáticos, a Roma seiscentista era, no cenário político internacional, uma capital cosmopolita por ser, não apenas, sede do papado e do colégio cardinalício, mas ainda «residenza degli ambasciatori delle più importanti corti europee, di prestigiose accademie, collegi e operose congregazioni, nonché meta di viaggiatori e pellegrini provenienti da ogni parte d'Italia e d'Europa»<sup>3</sup>. Em decorrência disto, a Urbe era, na altura, um lugar heterogêneo de hibridação e intercâmbio cultural<sup>4</sup>, uma vez que a estada – temporânea ou permanente<sup>5</sup> – de religiosos, peregrinos, núncios, artistas, diplomáticos

---

<sup>1</sup> Cfr. M. Sanfilippo, Migrazioni a Roma tra età moderna e contemporanea. *Studi Emigrazione/Migration Studies* XLIV (165), 2007, p. 19.

<sup>2</sup> Veja-se D. Ponziani, L'Archivio del Sant'Uffizio come fonte per la storia degli stranieri a Roma (XVI-XVIII sec.). In: S. Cabibbo / A. Serra (eds.). *Venire a Roma, Restare a Roma. Forestieri e stranieri fra Quattro e Settecento*. Roma: RomaTrePress, 2017, p. 329 e M. Sanfilippo, Migrazioni a Roma tra età moderna e contemporanea, cit., p. 23.

<sup>3</sup> Cfr. F. Celestini, La musica a Roma nel Seicento e lo spazio comunicativo europeo. In: A. Goulet /G. Nieden (Hg.). *Europäische Musiker in Venedig, Rom und Neapel (1650-1750)*. Bärenreiter: Kassel, 2015, p. 118.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> Veja-se D. Ponziani, L'Archivio del Sant'Uffizio come fonte per la storia degli stranieri a Roma (XVI-XVIII sec.), cit., p. 330.

e mercadores, protagonistas da moderna mobilidade europeia<sup>6</sup>, tornou Roma em «luogo d’incontro e di scontro tra genti diverse»<sup>7</sup>, como se depreende dos múltiplos relatórios de viagens redigidos no período em apreço<sup>8</sup>.

Além da copiosa documentação odepórica seiscentista que atesta como a capital italiana fosse um autêntico cadinho de forasteiros vindos para cumprir os mais diferentes compromissos – da peregrinação religiosa a encargos sociopolíticos –, existe, contudo, um amplo caudal de textos quer manuscritos, quer jornalísticos, que relatam as missões diplomáticas realizadas junto da Santa Sé, marcante «ator político atuante na esfera internacional»<sup>9</sup>, fontes arquivísticas e noticiosas que patenteiam tal eferescência cultural, dimensão que o *viaticum* espaço-temporal propicia, desencadeando no viajante um dúplice processo de metamorfose interior ao ingressar, paulatinamente, na alteridade. Se, por um lado, o estrangeiro consegue reagir positivamente, transformando a própria mentalidade de “monocultural” a “pluricultural”, por outro pode adotar, pelo contrário, uma postura adversa ao lugar de chegada, experiência existencial de desencontro que gera um profundo estado de perturbação íntima que impede, por conseguinte, o diálogo e o respetivo processo de integração, o que conduz à falha dos propósitos para os quais a viagem foi planeada<sup>10</sup>, experiência vivida na primeira pessoa, no âmbito das relações luso-italianas do século XVII, por D. Miguel de Portugal (? -1644), primeiro embaixador português em Roma, como já foi analisado, sob o ponto de vista histórico e odepórico, no nosso trabalho editado em 2016<sup>11</sup>. Apesar do esforço por ele manifestado em criar profícuos encontros políticos e culturais, para o bispo a estada na capital será – como veremos adiante através do exame textual das fontes jornalísticas circulantes em Portugal – um real desencontro, por causa das constantes ameaças e dos ataques organizados pelos delegados espanhóis, facto que determinará, por conseguinte, o fracasso da sua missão diplomática.

---

<sup>6</sup> A este respeito remetemos a A. Boccolini, *Viaggio e viaggiatori italiani nel Seicento: relazioni odepóriche per una nuova geografia del vecchio continente*. *California Italian Studies* 9 (1), 2019, p. 3.

<sup>7</sup> M. Sanfilippo, *Migrazioni a Roma tra età moderna e contemporanea*, cit., p. 19; Veja-se também, entre outros, M. A. Rossi (ed.), *Incontri e Disincontri Luso-Italiani, secoli XVI e XXI*. Viterbo: Sette Città, 2016.

<sup>8</sup> Cfr. M. Guglielminetti (ed.), *Viaggiatori del Seicento*. Torino: Utet, 1967.

<sup>9</sup> Veja-se A.C. Portilho, *O ator santa sé na política internacional moderna*. *Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos* 1 (2), 2012, p. 49.

<sup>10</sup> M.A. Rossi, *Introduzione*. In: Eadem, *Incontri e disincontri luso-italiani (secoli XVI-XIX)*, cit., pp. 9-10.

<sup>11</sup> M.A. Rossi, *Il viaggio a Roma di D. Miguel, vescovo di Lamego, come ambasciatore del re D. João IV di Portogallo durante l’epoca della Restaurazione*. In: M.A. Rossi (ed.), *Incontri e Disincontri Luso-Italiani*, cit., pp. 53-66.

De facto D. Miguel, já nomeado inquisidor em 1631 pelas suas altas qualidades morais, como «rectidão, prudência e amor de justiça»<sup>12</sup> e bispo de Lamego em 1636, foi elegido como embaixador pela sua linhagem nobre e pela insigne personalidade<sup>13</sup> por D. João IV (1604-1656) – o recém rei de Portugal eleito no rescaldo da revolução independentista de 1640 contra a coroa de Castela<sup>14</sup> – para defender, junto do Papa Urbano VIII (1568-1644), máximo expoente da diplomacia vaticana, a causa da autonomia nacional – missão apoiada, aliás, pelo padre Pantaleão Rodrigues Pacheco (?-1667) com enérgico fervor patriótico<sup>15</sup> –, de maneira a conseguir, destarte, a legitimação oficial do cargo ocupado pelo soberano, fundador da nova dinastia dos Bragança (1640-1910), título que a própria Espanha não reconheceu até ao fim da Guerra de Restauração, a 13 de fevereiro de 1668, quando a independência foi validada através do Tratado de Lisboa assinado entre os dois países. A partir deste momento, a nova família real reinará até 1910<sup>16</sup>, mas o complexo período da monarquia dual, caracterizado pela completa subordinação da nação à Castela, amiúde indiferente aos problemas sociopolíticos do povo vizinho – sobretudo em relação à progressiva desintegração do império ultramarino –, acabou por azedar as relações entre os dois territórios ibéricos, circunstância que intensificou no imaginário coletivo, conforme frisámos no estudo de 2022 dedicado ao exame da campanha iberista promovida pela revista modernista “Contemporânea”<sup>17</sup>, o clichê das duas nações irmãs que, segundo Saez Delgado e Pérez Isasi, «viven dándose la espalda, ignorándose, cuando no agrediendo mutuamente»<sup>18</sup>.

Neste complexo período histórico, a apresentação da nova política lusitana no cenário internacional efetuava-se através de inúmeras viagens cumpridas por diplomáticos e embaixadores, cujo papel, na época seiscentista, foi capital para o reconhecimento oficial da campanha que Portugal estava a defender para afirmar a própria identidade nacional depois de sessentas anos de subordinação à monarquia espanhola<sup>19</sup>: com efeito, D. Miguel de Portugal, dinâmico e enérgico

<sup>12</sup> Cfr. J. Pinto Carneiro, *D. Miguel de Portugal*. Lamego: Edições Crisos, 1945, p. 31.

<sup>13</sup> Veja-se A. Simões, Portugal Restaurado no Arquivo Secreto Vaticano. *Cadernos culturais da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna* 7, 2018, pp. 3-4.

<sup>14</sup> Cfr. A. Ademollo, *La questione della indipendenza portoghese a Roma dal 1640 al 1670*. Firenze: Tipografia della Gazzetta d'Italia, 1878.

<sup>15</sup> Veja-se P. Rodrigues Pacheco, *Manifesto do Reyno de Portugal, presentado a Santidade de Urbano VIII*. Lisboa: na Officina de Domingos Lopes Rosa, 1643.

<sup>16</sup> F. Costa Dores, *A Guerra da Restauração, 1641-1668*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

<sup>17</sup> M.A. Rossi, La campagna iberista nella rivista modernista portoghese *Contemporânea* (1922-1926). *Confluenze – Rivista di Studi Iberoamericani* XIV (1), 2022, p. 826.

<sup>18</sup> A. Saez Delgado /S. Pérez Isasi, *De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales ibéricas (1870-1930)*. Granada: La Vela, 2018, p. 1.

<sup>19</sup> Cfr. E. Brazão, *A importância da diplomacia na restauração de Portugal em 1640*. Coimbra: Coimbra Editora, 1940 e J. Pedro Paiva, *Ora che il Portogallo ha un re che lo*

defensor da causa independentista, foi enviado como embaixador em 1641, pelo novo rei da casa real de Bragança, para a cidade eterna, de maneira que o Vaticano i) legitimasse oficialmente a autonomia da nação lusitana durante o período da Guerra da Restauração contra o reino de Castela e ii) reconhecesse João IV de Bragança, o “Restaurador”, como efetivo rei do povo lusitano<sup>20</sup>, definido “Sereníssimo Rei de Portugal” nos documentos de cariz propagandístico da época, tal como no *Tratado* de Francisco Velasco de Gouveia (1580-1659)<sup>21</sup>.

Enquanto a importância do bispo de Lamego em qualidade de diplomático e de firme paladino da independência da própria pátria, como «valente soldado do exército da nação»<sup>22</sup>, foi já amplamente analisada no nosso trabalho de 2016<sup>23</sup>, onde se apresentou uma descrição cronológica, em perspetiva histórica, das fases da missão em Roma – realçando, em particular, o êxito negativo por causa dos contínuos ataques dos delegados espanhóis e da constante procrastinação do Papa Urbano VIII em recebê-lo, eventos pungentes que lhe impediram imergir-se na alteridade do lugar de chegada –, o presente estudo tem como objetivo principal, pelo contrário, reconstruir as etapas da viagem a Roma, organizada tomando as mais rígidas medidas de segurança, e os estádios da missão de 1641 a 1642, através da análise textual de fontes autênticas jornalísticas circulantes em Portugal durante o período em apreço, parcamente examinadas na literatura científica em relação a esta fase tão delicada para a nação lusitana.

Para a realização deste estudo documental, de vertente qualitativa, foi organizado um corpus textual de análise constituído pelas 11 notícias que foram divulgadas para informar o povo sobre o andamento da missão diplomática de D. Miguel, durante os anos da guerra contra Castela, pela “Gazeta da

---

governi, un padre che lo consoli e un signore che lo difenda [...] signore, portatemi con voi”. L’arcivescovo Rodrigo da Cunha e la Restaurazione del 1640. *Libros de la Corte* 18, 2019, pp. 133-160.

<sup>20</sup> Para um quadro geral sobre a missão diplomática de D. Miguel em Roma remetemos a E. Brazão, *A missão a Roma do Bispo de Lamego*. Coimbra: Coimbra Editora, 1947 e a J. Martins Rocha, *O Embaixador da Independência*. In: Idem (ed.), *Legendas de Portugal*. Lisboa: s. n., 1928, pp. 5-39.

<sup>21</sup> F. Velasco de Gouveia, *Justa aclamação do sereníssimo rei de Portugal D João IV: Tratado analítico dividido em três partes: Ordenado e divulgado em nome do mesmo reino, em justificação de suas ações*. Lisboa: na Officina de Lourenço de Anveres: a custa dos tres Estados do Reyno, 1644, edição que foi digitalizada pela Biblioteca Nacional de Portugal e disponibilizada a este link: <https://purl.pt/29398>.

<sup>22</sup> Cfr. D.M. Fonseca da Gama, *O bispo-Embaixador D. Miguel de Portugal*. Lamego: Edições Crisos, 1945, p.11.

<sup>23</sup> M.A. Rossi, *Il viaggio a Roma di D. Miguel*, cit.

Restauração”, o «primeiro periódico impresso português»<sup>24</sup>, publicado entre 1641 e 1647, cuja intencionalidade consistia em comunicar ao crescente público de leitores, com intenso fervor patriótico, novidades sobre «batalhas e lutas políticas, no quadro maior da Guerra dos Trinta Anos, no mais regional das Guerras da Restauração»<sup>25</sup>, defendendo a «liberdade do povo português perante o jugo espanhol»<sup>26</sup>, periódico atualmente conservado nos arquivos da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e disponibilizado em suporte microfilme com cota F5489, cuja edição diplomática foi editada pelo estudioso Eurico Gomes Dias em 2006<sup>27</sup>.

O exame destas fontes, por conseguinte, completa a pesquisa apresentada em 2016<sup>28</sup>, que se baseava, pelo contrário, no estudo dos doze manuscritos italianos de cariz informativo/diplomático pertencentes ao fundo “Urbinati Latini” 1646 da Biblioteca Apostólica Vaticana (BAV)<sup>29</sup>, testemunhas fidedignas sobre a estada de D. Miguel em Roma e a evolução da

<sup>24</sup>J.P. Sousa et al., *A Gazeta “da Restauração”: Primeiro Periódico Português – Uma análise do discurso*. Covilhã: Livros LabCom, 2011, pp. 1-2.

<sup>25</sup>Cfr. E. Gomes Dias, *“Gazetas da Restauração : (1641-1648): uma revisão de estratégias diplomático-militares”*. Lisboa: Europress, 2006, p. IX.

<sup>26</sup>Ivi, p. 37.

<sup>27</sup>E. Gomes Dias, *“Gazetas da Restauração : (1641-1648)*, cit.

<sup>28</sup>M.A. Rossi, *Il viaggio a Roma di D. Miguel*, cit.

<sup>29</sup>O fundo “Urbinati Latini” 1646 é disponível em suporte eletrónico a este link: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Urb.lat.1646/0001](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Urb.lat.1646/0001). O corpus identificado no trabalho de 2016 é constituído pelos seguintes manuscritos: i) *Minuto ragguaglio di ciò che accadde in Roma l'anno 1642 nel glorioso pontificato di Urbano VIII di fel. mem. tra d. Michele vescovo di Lamega [Miguel de Portugal] mandato alla Santità di Nostro Signore da d. Giovanni di Braganza re di Portogallo e il marchese di Castel Rodrigo ambasciatore in Roma della Maestà di Filippo IV re Cattolico e monarca delle Spagne* (ff. 179r-181v); ii) *Memoriale del marchese di Los Velez, ambasciatore cattolico a papa Urbano VIII contro il vescovo di Lamego [Miguel de Portugal] ambasciatore del re di Portogallo* (ff. 182r-186r); iii) *Pantaleon Alla Santità di Urbano VIII N.S. de Rodrigues Pacheco* (ff. 188r-200r); iv) *Memoriale di don Giovanni Chiumazero e Carrillo, ambasciatore di S. M. Cattolica contro la pretensione del vescovo di Lamego de Juan Chumacero y Carrillo* (ff. 201v-209v); v) *Dimostrazioni di onori fatti in Roma all'ambasciatore di Portogallo, Miguel de Portugal, vescovo di Lamega, e rimostranze dell'ambasciatore di Spagna de Juan Chumacero y Carrillo* (ff. 210r-219v); vi) *Lettera a papa Urbano VIII de Juan Chumacero y Carrillo* (ff. 219v-229r); vii) *Relazione, o sia informazione a cardinali prima dell'andare in concistoro per l'affare di Portogallo* (ff. 230r-236v); viii) *Esposizione di d. Giovanni Chiumazzaro al card. Barbarino [Francesco] circa la venuta del Lamega [Miguel de Portugal], e ragioni del re di Spagna [Filippo IV] de Juan Chumacero y Carrillo* (ff. 239r-255v); ix) *Delle differenze tra l'ambasciatore di Francia [marchese di Fontenay] e Spagna [Chumacero y Carrillo] per il patrocinio di Lamega [Miguel de Portugal, vescovo di Lamego] a causa della corona di Portogallo* (ff. 256r-265v); x) *Proposizione del card. Bichi [Alessandro] a favore del re di Portogallo [Giovanni IV] e per il vescovo di Lamega [Miguel de Portugal]* (ff. 266r-277v); xi) *Relazione della rissa, o sia accidente, occorso tra l'ambasciatore di Portogallo, vescovo di Lamego, e marchese di Castel Rodrigo [marchese di los Velez] ambasciatore di Spagna* (ff.

sua missão junto de Urbano VIII, sem conseguir, como bem sabemos, os propósitos planeados.

## 2. Reconstrução cronológica da missão diplomática de D. Miguel: as onze notícias da “Gazeta de Restauração”

Como informa a copiosa correspondência entre D. João IV e o próprio bispo, já amplamente examinada pelo historiador José Pedro Paiva<sup>30</sup>, D. Miguel chegou a Lisboa, vindo de Lamego, em 1641 para receber, pelo novo soberano, todas as instruções para cumprir com sucesso a delicada tarefa diplomática que lhe foi confiada, considerando os incessantes protestos por parte da coroa espanhola que, resoluta em não reconhecer oficialmente a independência nacional, pretendia persistentemente incorporar os territórios lusitanos e as respetivas colónias no próprio reino<sup>31</sup>, campanha antiportuguesa vigorosamente propugnada, em Roma, pelos delegados espanhóis Juan Chumacero Carrillo y Sotomayor (1580-1660) e Teodoro Ameyden (1586-1656)<sup>32</sup>. O resultado positivo desta missão, por conseguinte, era essencial, por um lado, para legitimar a autonomia política de Portugal e, por outro, para obter a benevolência do Papa, garantindo outrossim que o novo governo se comprometeria a difundir profusamente, tal como na época áurea dos descobrimentos, a religião católica nas colónias do império ultramarino, por meio das campanhas de evangelização promovidas especialmente pelos missionários jesuítas: portanto, o sucesso da missão diplomática teria permitido fortalecer as seculares relações diplomáticas entre Itália e Portugal<sup>33</sup>.

Bastante complexa e árdua, pelo soberano, foi a organização da viagem que o bispo devia enfrentar para chegar à capital romana, difícil a realizar neste contexto de atrito sociopolítico entre os dois países ibéricos: com efeito, a coroa castelhana tinha o controle total do Mediterrâneo e das terras da Itália setentrional, rotas que o embaixador tinha que evitar, de forma absoluta, para

---

279r-298r) e xii) *Avviso giunto al papa [Urbano VIII] da Civitavecchia dell'arrivo del vescovo di Lamego [Michele di Portogallo]* (ff. 487v-488v).

<sup>30</sup> A referida correspondência encontra-se, como defende Paiva no estudo editado em 2019, no *Corpo Diplomático Português contendo os actos e relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo desde o século XVI até aos nossos dias*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1862-1959, tomo XII, pp. 284-351. Para aprofundamentos, veja-se J. Pedro Paiva, *Ora che il Portogallo ha un re che lo governi*, cit., p. 145.

<sup>31</sup> Cfr. J. Nelson Novoa, *Agenti portoghesi posti e sovrapposti a Roma tra Cinque e Seicento*. In: M. Sanfilippo / P. Tusor (eds.), *Gli agenti presso la santa sede delle comunità e degli stati stranieri (secoli XV-XVIII)*. Viterbo: Sette Città, 2020, p. 134.

<sup>32</sup> Veja-se A. Ademollo, *La questione della indipendenza portoghese*, cit., p. 17.

<sup>33</sup> A este propósito remetemos, entre outros, ao trabalho de J. C. Baptista, *Dom João IV e a Santa Sé*. Évora: s. n., 1956.

não ser capturado – ou até morto – pelos delegados de Filipe IV (1605-1665). Era imprescindível, conseqüentemente, planejar um itinerário inusitado, adotando altas medidas de segurança, que o próprio D. João IV conseguiu organizar graças ao apoio da nação francesa, com a qual o soberano tinha entrado em estreitas relações políticas, em particular com o Cardeal Richelieu (1585-1642), o então primeiro-ministro. Conforme o percurso meticulosamente planejado, D. Miguel devia atravessar a França para chegar ao destino estabelecido: em Bordeaux, teria recebido o passaporte para percorrer o território nacional e, de aí, teria prosseguido para o porto de Marselha, continuando em direção de Civitavecchia, na região do Lácio, etapa também descrita no manuscrito vaticano *Avviso giunto al papa Urbano VIII da Civitavecchia dell'arrivo del vescovo di Lamego*<sup>34</sup>. A seguir, o bispo teria continuado o seu itinerário até à Santa Sé, na esperança de ser recebido, o mais rapidamente possível, pelo Papa Urbano VIII. Posto isto, João IV solicitou aos seus delegados em França, i.e. o Monteiro-mor Francisco de Melo (1575-1652) e o desembargador António Coelho de Carvalho (? -?), no dia 2 de fevereiro de 1641, que oferecessem o próprio apoio para o êxito desta missão diplomática. Terminados os preparativos e definidas as espinhosas questões burocráticas, D. Miguel partiu no mês de abril de 1641 acompanhado pelo padre Pantaleão Rodrigues Pacheco e pelo desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos (? -?).

Vale salientar, contudo, que a extrema importância desta embaixada foi acentuada pelo pujante espírito patriótico da imprensa local que, na altura, estava a evoluir tendo como modelo de referência as publicações periódicas circulantes na Europa seiscentista<sup>35</sup>: neste contexto nacionalista que defendia «a liberdade do povo português perante o jugo espanhol»<sup>36</sup>, surgiu, entre 1641 e 1648, a “Gazeta da Restauração”, exórdio da historiografia periodista nacional, vulgarmente conhecida, segundo sustenta Dias, como «o primeiro jornal português»<sup>37</sup> que, na esteira da proliferação da «abundante literatura de justificação revolucionária e chamamento patriótico»<sup>38</sup> com pendor «legitimador da nova dinastia de Bragança»<sup>39</sup>, fomentada pela guerra contra Castela, tinha como objetivo primário informar o crescente público de leitores, através de breves e rápidas notícias, – género que, segundo o modelo de classificação

<sup>34</sup> Urb. lat. 1646, ff. 487v-488v.

<sup>35</sup> Cfr. J. Tengarrinha, *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

<sup>36</sup> E. Gomes Dias, “*Gazetas da Restauração: (1641-1648)*”, cit., p. 37.

<sup>37</sup> *Ivi*, p. 24; Veja-se J. Pedro Sousa et al. (eds.), *A Gazeta “da Restauração”: Primeiro Periódico Português*, cit., pp. 1-2.

<sup>38</sup> E. Gomes Dias, “*Gazetas da Restauração: (1641-1648)*”, cit., p. XXV.

<sup>39</sup> *Ivi*, p. XXV.

textual de Werlich e Sabatini<sup>40</sup>, pertence à classe informativo-expositiva – sobre as batalhas políticas a nível quer internacional, quer regional, em particular referentes à Guerra de Restauração, publicação transcrita em edição diplomática por Dias em 2006<sup>41</sup> e analisada sob o ponto de vista histórico, discursivo e textual por Sousa e colaboradores em 2011<sup>42</sup>.

Estas “gazetas”, pela maior parte anónimas e editadas em 37 números mensais em formato de quarto (13,5 x 19 cm)<sup>43</sup> pelos impressores Lourenço de Anvers, Domingos Lopes Rosa e António Alvarez<sup>44</sup>, foram designadas “da Restauração” por ter sido publicadas durante o complexo período histórico de recuperação da independência<sup>45</sup> e tinham como intencionalidade textual, consoante realçam Sousa e colaboradores, «tornar periódica uma informação que até aí se apresentava de forma desconexa, confusa e irregular face aos acontecimentos<sup>46</sup>», sendo, em vista disto, um real «registo historiográfico do quotidiano<sup>47</sup>», informações que, por causa da alta taxa de analfabetismo, atingiam um limitado círculo de leitores<sup>48</sup>, responsáveis, estes, da respetiva circulação social por meio da oralidade<sup>49</sup>.

O resultante fenómeno do “gazeteirismo”, mola propulsora da propaganda pró-Restauração dentro das fronteiras portuguesas, exerceu, no «período áureo da prosa nacional<sup>50</sup>», um papel cabal na evolução do jornalismo lusitano de cariz «noticioso e reportativo<sup>51</sup>» como tipo discursivo infográfico,

---

<sup>40</sup>E. Werlich, *Typologie der Texte; Entwurf eines textlinguistischen Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik*. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1975; F. Sabatini, «Rigidità-esplicitezza» vs «elasticità-implicitzza»: possibili parametri massimi per una tipologia dei testi. In: Idem (ed.), *Linguistica Testuale Comparativa*, Copenhagen: Gunver Skytte, Museum Tusulanum Press, 1999, pp. 142-172.

<sup>41</sup>E. Gomes Dias, “*Gazetas da Restauração: (1641-1648)*”, cit.

<sup>42</sup>J. Pedro Sousa et al. (eds.), *A Gazeta “da Restauração”: Primeiro Periódico Português*, cit.

<sup>43</sup>Cfr. J.P. Sousa / M.E. de Oliveira Lima, Das Relações ao Mercúrio: A conquista da periodicidade e as transformações morfológicas e de conteúdo no jornalismo português do século XVII. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación* 121, 2013, p. 51.

<sup>44</sup>J.P. Sousa et al., A acção jornalística dos gazeteiros portugueses da primeira metade do século XVII. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais* 6, 2009, p. 22.

<sup>45</sup>J. Pedro Sousa et al. (eds.), *A Gazeta “da Restauração”: Primeiro Periódico Português*, cit., p. 54.

<sup>46</sup>*Ivi*, p. 38.

<sup>47</sup>Cfr. J.P. Sousa, *Gazeta da restauração (1641-1642): a introdução do periodismo noticioso em Portugal*. In: Sousa, J. P. (ed.), *Notícias em Portugal. Estudos sobre a imprensa informativa (século XVI-XX)*. Lisboa: ICNOVA, 2018, p. 16.

<sup>48</sup>E. Gomes Dias, “*Gazetas da Restauração: (1641-1648)*”, cit., p. XLII.

<sup>49</sup>J. Pedro Sousa et al. (eds.), *A Gazeta “da Restauração”: Primeiro Periódico Português*, cit., p. 4.

<sup>50</sup>E. Gomes Dias, “*Gazetas da Restauração: (1641-1648)*”, cit., p. 351.

<sup>51</sup>Cfr. J.P. Sousa / M. E. de Oliveira Lima, *Das Relações ao Mercúrio*, cit., p. 48.

género resultante do conúbio entre informações verbais e meios visuais que o estudioso Petitjean inclui na classe textual intermédia, já que a respetiva estruturação depende quer do contexto situacional, quer do âmbito socioprofissional de referência<sup>52</sup>: face ao exposto, é possível afirmar que a nascença da “Gazeta da Restauração”, precedida pelas “Relações” – impressas, de forma ocasional, por Manuel Severim de Faria (1584-1655), entre 1626 e 1628<sup>53</sup> –, deu o primeiro passo para a paulatina evolução, por um lado, dos aspetos composicionais da notícia – introduzida, com extrema clareza e brevidade, pelo *lead*<sup>54</sup> –, e, por outro, da atual microlíngua da esfera jornalística.

Tendo em consideração o modelo de análise diacrónico/cronológico<sup>55</sup>, podemos asseverar que a primeira informação a ser divulgada em Portugal sobre a missão diplomática de D. Miguel é publicada no primeiro número do mês de novembro de 1641, titulado *Gazeta, em que se relatam as novas todas, que houve nesta corte e que vieram de várias partes. Com enunciados austeros e breves*<sup>56</sup>, comunicava-se ao povo português, através das novidades enviadas pelo padre jesuíta João de Matos, então agente em Roma, que o Pontífice esperava ansiosamente a vinda do embaixador, cōnscio, porém, da exacerbada campanha antiportuguesa alentada pelos representantes espanhóis:

O Padre Ioaõ de Matos, Reitor que foy da companhia em Euora, agora assistente da mesma Companhia em Roma escreueo que o summo Pontifice esperaua cõ grande aluoroço pello Bispo Embaixador de Portugal a pesar das instancias que o de Castella fazia por lhe es toruar a entrada<sup>57</sup>.

A seguir, no mesmo número, na secção dedicada, desta vez, às *Novas de fora do Reino*, i.e. às notícias oriundas do estrangeiro, que informavam nomeadamente sobre à evolução das missões diplomáticas, lemos um enunciado seco e conciso que anuncia a chegada de D. Miguel a Marselha, fonte histórica, esta, que testemunha, de facto, que o delegado de D. João IV teve que planear um itinerário acautelado, como anteriormente se disse, passando pela nação francesa, de modo a evitar o encontro – ou melhor, o desencontro –

---

<sup>52</sup> A. Petitjean, Les typologies textuelles. *Pratiques: linguistique, littérature, didactique* 62, 1989, pp. 86-125.

<sup>53</sup> Cfr. J. Pedro Sousa et al. (eds.), *A Gazeta “da Restauração”: Primeiro Periódico Português*, cit., pp. 1-2.

<sup>54</sup> E. Gomes Dias, “*Gazetas da Restauração: (1641-1648)*”, cit., p. XV.

<sup>55</sup> Cfr. J.P. Sousa, *Gazeta da restauração (1641-1642): a introdução do periodismo noticioso em Portugal*, cit., p. 62.

<sup>56</sup> E. Gomes Dias, “*Gazetas da Restauração: (1641-1648)*”, cit., p. XV.

<sup>57</sup> Ivi p. 7 (f. 4r-4v). As transcrições das notícias são citadas no corpo do texto respeitando os critérios da edição diplomática realizada por Eurico Gomes Dias em 2006.

com os agentes de D. Filipe IV, «um dos mais importantes pilares da luta contra o avanço do Protestantismo»<sup>58</sup>.

Com efeito, o embaixador saiu de Lisboa a 9 de abril de 1641, com destino La Rochelle e, daí, prosseguiu primeiro para Paris e, depois, para Marselha, de onde, por barco, se dirigiu para a Itália: «O Bispo de Lamego, que foy por Embaixador ao Summo Pontífice, dizem que ficaua junto a Marcelha, para da Ili passar a Roma»<sup>59</sup>.



Figura 1. O Itinerário de D. Miguel para chegar a Roma

O grupo chegou à França seguindo escrupulosamente as ordens do rei, onde foi recebido com grande alarde em Paris por Luís XIII (1601-1643), pela rainha Ana da Áustria (1601-1666) e pelo próprio Cardeal Richelieu,

<sup>58</sup> J. Pedro Sousa et al. (eds.), *A Gazeta "da Restauração": Primeiro Periódico Português*, cit., p. 29.

<sup>59</sup> E. Gomes Dias, *"Gazetas da Restauração": (1641-1648)*, cit., p. 9 (n. 1, novembro de 1641, f. 5r).

os quais ofereceram apoio político à missão diplomática que o bispo ia realizar: destarte, as simpatias de Urbano VIII pelos soberanos franceses, agora protetores dos delegados portugueses, teriam tornado favorável o tão esperado encontro entre o pontífice e o próprio D. Miguel. De Marselha, os agentes brigantinos chegaram, como informa o manuscrito da BAV *Avviso giunto al papa Urbano VIII da Civitavecchia dell'arrivo del vescovo di Lamego Michele di Portogallo*<sup>60</sup>, ao porto de Civitavecchia, no dia 17 de novembro, onde foram acolhidos por um representante do embaixador francês em Roma, notícia que o Papa recebeu enquanto «stava imbarazzato negli affari del duca di Parma»<sup>61</sup>.

Como se depreende da breve – mas impactante – notícia divulgada pela Gazeta de dezembro de 1641, incluída na secção *Novas fora do Reino*, D. Miguel conseguiu chegar a Roma no dia 20 de novembro de 1641<sup>62</sup>, onde foi recebido com «grandissimo aplauso», apesar das persistentes indecisões do Papa, perturbado por um forte debate interior, que, finalmente, concedeu permissão ao embaixador para entrar na Cidade Eterna, sem garantir, contudo, a realização de um encontro oficial entre os dois, tenso pelas previsíveis reações negativas que os delegados espanhóis teriam, em breve, manifestado: «Chegada a Roma. O Bispo de Lamego que foi por Embaixador ao Sumo Pontífice, està ja em Roma, e foi recebido cõ grandissimo aplauso»<sup>63</sup>.

No mês de fevereiro de 1642, o periódico realçou a importância desta missão diplomática informando os leitores sobre a real complexidade da viagem que o bispo de Lamego teve que enfrentar, o qual chegou a Roma atravessando a nação francesa, onde ficou, primeiramente, em La Rochelle, por 9 dias, e, a seguir, em Paris, como hóspede do embaixador de Portugal, ocasião que lhe permitiu visitar Saint-Germain-en-Laye, Lião, Avignon e Toulon, porto em que encontrou, antes de prosseguir para a Itália, uma nau «cõ muita gete de guerra» enviada pelo «Christianissimo», i.e. Felipe IV de Espanha; todavia, D. Miguel conseguiu partir, com extrema dificuldade, para chegar a Civitavecchia, recebido, apesar do mau tempo, por João Baptista Leão, «criado delRey N. Senhor» enviado à capital para assistir o embaixador durante o caminho para Roma, acompanhado, consoante informa a notícia, por 450 cavaleiros e pelo Secretário da embaixada de França. A uma légua de Roma, o bispo de Lamego teve, outrossim, um encontro com o Cardeal Francisco Barbarino (1597-1679), sobrinho do Papa Urbano VIII, o qual lhe aconselhou, para evitar protestações por parte dos agentes

---

<sup>60</sup>Urb. Lat. 1646, ff. 487v-488v.

<sup>61</sup>*Ivi*, f. 487 v.

<sup>62</sup>A. Simões, Portugal Restaurado no Arquivo Secreto Vaticano, cit., pp.3-4.

<sup>63</sup>E. Gomes Dias, *Gazetas da Restauração: (1641-1648)*, cit., p. 22 (n.1, dezembro de 1641, f. 5v).

espanhóis, que entrasse à noite na urbe, indicação que ele seguiu cuidadosamente: com efeito, ingressou de madrugada, às duas, em direção da Fontana del Tevere, passando por Borgo S. Angelo, onde residia o Embaixador da França. Apesar da extrema cautela adotada, o povo notou a chegada das carroças que anunciavam a vinda de D. Miguel, acolhido pelo grito «VIVA' L RE D. GIOVANNE' Lquarto». Primeiramente, o bispo de Lamego alojou no Palácio onde vivia o delegado francês, com o propósito de mudar, em breve, para o próprio quarto alugado no palácio De Cupis, colocado na conhecida Piazza Navona, por um custo mensal de 1.400 escudos, zona onde alojava, além do mais, o delegado espanhol Teodoro Ameyden, que se sentia mesmo sufocado e perseguido pela conspícua presença dos Portugueses, «insolenti al possibile»<sup>64</sup>, nesta área romana.

O número de fevereiro de 1642 assim relata as complexas etapas da viagem e a entrada de D. Miguel na Cidade Eterna, sem ter, aliás, a certeza de ser recebido pelo Pontífice:

O Bispo de Lamego està já em Roma: & o q se passou na viagem, he o que se segue. Desembarcou na Rochella, donde esteue 9. dias. Daqui passou a Pariz, & foi hospede do Monteiro mór Embaixador de Portugal em França. Logo se partio para S. Germão a ver o Christianissimo, & se tornou a Pariz. Depois foi à Picardia, donde naquello tepo estaua sua Magestade a pedirlhe licença pera passar adiante. Despediose, & veiose outra vez a Pariz, de donde foi a Leão de França. Entrou em Auinhão, & a cabo de tres dias foi a Ahis. Aqui se deteue atè q passou a Tolon, em cujo porto achou hua nao, a qual por orde do Christianissimo o estaua esperando cõ muita gete de guerra. Sahio; mas arribou tres vezes, a primeira à Ilha de S. Honorata; a segũa a Borma; a terceira a Antigo: & finalmete chegou a Ciuita Vechia, pore cõ tão mau tepo, q esteue perdido. Neste lugar o Gouernador (como estaua já preuenido por orde do Sumo Pontífice pera o receber) lhe pedio, que sahissea terra, & elle não quis. Ioão Baptista Leão (hum criado delRey N. Senhor, q por seu mandado foi a Roma, & auia 7 annos q assistia naquellas partes) o veyo a ver; & elle o mādou a Roma a preuenir o q era necessario para o caminho. Negociou Ioão Baptista Leão: tornou de Roma: & com elle vierão por mandado de Sua Sãctidade 450. Corços de cauallo para o acõpanhameto: & auia oito dias q andauão 150. Esbirros assegurando a campanha de Bandoleiros. Veio tambe o Secretario da embaixada de França, cõ alguns Monsiurs. Pozse o Embaixador ao caminho, donde achou infinitas carroças de Portuguezes, Catalaes, Francezes, & Italianos, q concorrião a vello. Hua legoa de Roma lhe sahio ao encontro o Embaxador de Frãça; & logo lhe veyo hu proprio de Monselhor o Eminentíssimo Cardeal Nipote Francisco Barbarino, o qual lhe mandou dizer, q não entrasse de dia, porque o desgosto dos Hespanhoes, & a alegria do pouo naõ fosse causa de algua inquietação. Elle o fez

<sup>64</sup> A. Ademollo, *La questione della indipendenza portoghese a Roma dal 1640 al 1670*, cit., p. 22.

assi; & com duas horas de noite entrou pella porta dos caualllos ligeiros; & dalli mãdou q a sua gete fosse andando em duas esquadras até a Fõtana do Teuere, donde pousaua o Embaixador de França; & sem estrondo foram hus pella via Longàra, & outros pella pote de S. Ângelo; mas ne por isso deixou o pouo de se aluoroçar; que homes, & mulheres andauão como doudos pellas ruas gritado: VIVA' L RE D. GIOVANNE' Lquarto. De traz de todos (cõ Pantaliaõ Rodrigues Pacheco Agete del Rey N. Senhor e Roma, & Rodrigo Rodrigues de Lemos Secretario da Embaixada) foi o Bispo, acõpanhado de M.<sup>o</sup> Emin. Card. Biche, & do Embaixador de França; e cujo Palacio fica hospede, e quanto na praça Naona se lhe prepara o seu Palacio, q custa cadaanno de aluger 1400. escudos; & nelle pousauão sempre os Embaixadores de Alemanha<sup>65</sup>.

Depois da complicada viagem enfrentada, D. Miguel ativou-se imediatamente para cumprir a sua missão, beneficiando, em particular, da proteção do embaixador francês François Du Val Fontenay-Mareil (1594-1665), uma vez que os representantes castelhanos tinham ativado, junto da Santa Sé, uma exacerbada campanha antiportuguesa para induzir o Papa a negar a audiência ao bispo de Lamego: como foi referido anteriormente, Juan Chumacero Carrillo y Sotomayor e Teodoro Ameyden, delegados de Filipe IV em Roma, insistiam constantemente em convencer Urbano VIII a condenar a revolução lusitana como uma ação injusta e ilegal, razão pela qual o duque de Bragança não podia, por consequência, ser oficialmente reconhecido como monarca de Portugal, nação destinada a ser anexada ao Império de Castela, o que é perceptível no manuscrito *Delle differenze tra l'ambasciatore di Francia e Spagna per il patrocinio di Lamega a causa della corona di Portogallo*<sup>66</sup>, tese confutada, ao invés, pelo Cardeal Alessandro Bichi (1596-1657) e por D. Giovanni Chiumazzaro (?-?)<sup>67</sup> que apoiavam a causa da coroa lusitana.

Apesar desta constante diatribe, que intensificava o receio do Papa em receber oficialmente o embaixador português, sabemos, com base na notícia publicada em abril de 1642, que Urbano VIII, durante o Consistório ocorrido em fevereiro do mesmo ano, defendeu a causa da coroa brigantina e a legitimidade do título real adquirido por D. João IV, discorrendo «com grande erudição sobre as muitas, & indubitaveis razoes de direito, que tem neste Reyno», concedendo audiência, finalmente, ao embaixador português, informação comunicada a D. Miguel pelo Cardeal Francesco Barbarino:

<sup>65</sup> E. Gomes Dias, “*Gazetas da Restauração: (1641-1648)*”, cit., pp. 48-49 (n.1, fevereiro de 1642, ff. 5v-6r).

<sup>66</sup> BAV, Urb. lat. 1646, ff. 256r-265v.

<sup>67</sup> Cfr. BAV, Urb. lat. 1646, ff. 266r-277v (*Proposizione del card. Bichi [Alessandro] a favore del re di Portogallo [Giovanni IV] e per il vescovo di Lamega [Miguel de Portugal]*) e 238-255v (*Esposizione di d. Giovanni Chiumazzaro al card. Barbarino [Francesco] circa la venuta del Lamega, e ragioni del re di Spagna [Filippo IV]*).

Por carta do Abade Carleno (Embaxador q foy do DuqCõde de Cleues) escrita e Lõdres aos 28. de Março de 1642. se sabe q no Sacro Palacio aos 13. de Feuereiro no vltimo Cõsistorio fez nosso Sanctissimo Padre Urbano 8. hua pratica a todo a Cõclauè Apostolico sobre a felice aclamação del Rey N. Senhor díscorredo largamente com grande erudição sobre as muitas, & indubitaueis razoes de direito, que tem neste Reyno, de que hoje está de posse; & por vltima conclusãõ resolueo que o excellentissimo Senhor Bispo de Lamego Embaxador de Portugal fosse recebido como Embaxador. Logo (acabado este acto) por ordem de sua Sanctidade foy Monsenhor o emenentissimo Cardeal Barbarino, com grande acompanhamento, a visitar o Bispo Embaxador, & apreuenillo para a entrada; a qual se esperaua que fosse a mais grandiosa, & a de mayor alegria, & aceitação popular, que ouue na Curia Romana<sup>68</sup>.

Em decorrência disto, a resolução do Papa intensificou, obviamente, o temperamento de ódio e de extrema aversão manifestado pelos agentes castelhanos, circunstância que impossibilitou o próprio D. Miguel, portanto, a se e integrar totalmente no lugar de chegada. Com efeito, o número 1 da Gazeta de outubro de 1642 marcava esta atmosfera opositiva, informando que D. Miguel, no dia 8 de julho, mudou-se para a sua residência em Piazza Navona, embora recebesse diuturnas ameaças pela façção antagonista para obrigá-lo a desistir do seu encargo, na firme esperança de ser recebido rapidamente pelo Pontífice, depois de um ano de estada:

A 8. de Julho foi o senhor Bispo de Lamego Embaixador de Portugal com licença de Sua Santidade, dos paços do Marques de Fontenè Embaixador de França, com quem esteue depois de sua chegada a Roma, para os seus paços, q tomou na praça Nauona não obstãte todas as ameaças do Marques de los Veles Embaixador de Castella, & seus sequazes, que diziaõ o hauiaõ de leuar fora de Roma, & faziaõ mil protestos de que em cazo que fosse recebido, se hauiaõ de sair fora de Roma em hu instante, com os Cardeaes de la Cueua, Albornos, & Montalto, auditores da rota Castelhana, & que o mesmo hauiaõ de fazer dentro de dous mezes os vasallos, & subditos das coroas de Castella. Mas os Francezes, Portuguezes, & Catalaes se ajuntaraõ hum dia todos, & andaraõ passeando por Roma, para dar hua vista ao dito Embaixador de Castella, & mostrarlhe em effeito como seu poder não era tão grande como sua imaginaçãõ. O dito Bispo Embaixador de Castella tem em particular fallado com o Cardeal Barberino; & com sua Santidade, & cedo se espera que seu recebimento seja em publico, porque se ajuntaraõ os Cardeaes em cõsistorio, & decretarãõ que se guardasse hua Bula antiga de hu Papa, que por alguas oca-siõens semelhantes de seu tempo, ordenou que a Santa Sede Apostolica

<sup>68</sup>E. Gomes Dias, *“Gazetas da Restauração: (1641-1648), cit., p. 71 (n. 1, abril de 1642, f. 5r).*

admitisse, & conhecesse por Rey, & senhor aquelle que estiuesses de posse de seu Reyno, gozando os frutos delle hum anno<sup>69</sup>.

Tendo optado por ficar em Roma até ao êxito da sua missão, D. Miguel foi obrigado, então, a deslocar-se com extrema cautela pelas ruas da capital, pois um assalto dos delegados espanhóis era bastante previsível, tanto que deixou até a sua residência no Palácio De Cupis para alojar nos quartos do Vaticano, local onde estaria mais protegido de qualquer ameaça – ou ainda de um real ataque – por parte dos grupos políticos adversos que, apesar da rígida vigilância, conseguiram aproveitar o momento oportuno para organizar um assalto a D. Miguel.

Em consonância com a copiosa documentação jornalística e manuscrita da época<sup>70</sup>, no dia 20 de Agosto de 1642, o embaixador quis visitar as maravilhas arquitetónicas que rodeavam a sua nova habitação e, completamente desprevenido, dirigiu-se, juntamente com os restantes delegados portugueses, à Praça de São Pedro, desejoso de a contemplar, sabendo que teria voltado a Lisboa, dentro de pouco tempo, sem cumprir a própria missão. Naquele dia, durante a festa de São Bernardo, o espanhol Pedro Fajardo de Zúñica (1602-1647), quinto Marquês de Los Vélez, então embaixador em Roma, avistou a delegação lusitana pelas ruas, oportunidade que imediatamente agarrou para organizar um ataque contra ele, «atrocissimo fatto d'arme»<sup>71</sup> que se realizou perto de Piazza Colonna e que a Gazeta divulgou apenas, pela demora com que as notícias chegavam do estrangeiro à redação, de forma muito concisa e breve, no número 1 do mês de novembro de 1642:

Depois do successo, que aos 23. do dito mes de Agosto ouue aqui entre o Embaixador de Portugal, & o de Castella, foraõ postas guardas e muitos lugares da cidade, & se dobraram as que estauaõ nas portas della, cõ grandes penas de nam deixare entrar pessoa algua sospeita em fauorecer a parte de Castella<sup>72</sup>.

---

<sup>69</sup> *Ivi*, pp. 120-121 (n. 1, outubro de 1642, ff. 5v-6r).

<sup>70</sup> O episódio foi relatado em Roma, como já analisámos no nosso trabalho de 2016, pelo jornalista Giacinto Gigli (1594-1671) no *Diario Romano* e em dois manuscritos da BAV, i. e. *Minuto ragguaglio di ciò che accadde in Roma l'anno 1642 nel glorioso pontificato di Urbano VIII* di fel. mem. tra d. Michele vescovo di Lamega mandato alla Santità di Nostro Signore da d. Giovanni di Braganza re di Portogallo e il marchese di Castel Rodrigo ambasciatore in Roma della Maestà di Filippo IV re Cattolico e monarca delle Spagne (Urb. lat. 1646, ff. 179-309v) e *Relazione della rissa, o sia accidente, occorso tra l'ambasciatore di Portogallo, vescovo di Lamego, e marchese di Castel Rodrigo ambasciatore di Spagna* (Urb. Lat. 1646 ff. 279-298).

<sup>71</sup> A. Ademollo, *La questione della indipendenza portoghese a Roma dal 1640 al 1670*, cit., p. 47.

<sup>72</sup> E. Gomes Dias, *Gazetas da Restauração: (1641-1648)*, cit., p. 133 (n. 1, novembro de 1642, f. 2r).

Tal evento alarmou, sem dúvida, o Papa e os cardeais, os quais, segundo informa a notícia presente na folha seguinte, redigiram prontamente um relatório minucioso do que se passou no dia 20 de agosto, de molde a atribuir a total responsabilidade do acontecido ao delegado espanhol:

Por quanto os ditos Cardeaes hauiaõ tirado hua deuassa de tudo o socedido em os 23. do passado, entre o dito Embaixador, & o de Portugal, dado a culpa toda ao primeiro: & assi mandaraõ a Madrid hua relação verdadeira de tudo, & muy contraria á do Embaixador de Castella, que lançou fama, que o de Portugal hauia sido o Agressor<sup>73</sup>.

No número 1-2 de dezembro de 1642, dada a gravidade do evento, comunicava-se ao povo lusitano, os detalhes belicosos do “desencontro” entre os dois embaixadores, durante o qual foram disparados, conforme o resultado da inspeção, 5 tiros:

He cousa notavel, & muito pera considerar, que depois do encontro, que os Embaixadores de Portugal, & Castella tiverão, das muytas ballas, que de parte aparte forão tiradas, naquelle lugar, onde foy a pendencia, se vem hoje claríssimamente em huma esquina assinaladas sinco, em modo que representão as sinco chagas, armas do Reyno de Portugal, que parece as estanpou ali o Ceo, por algum misterio oculto ao juizo dos homens<sup>74</sup>.

Vendo, por conseguinte, que os atritos entre Espanha e Portugal ameaçavam o quotidiano da capital romana, Urbano VIII decidiu negar plenamente audiência oficial a D. Miguel, quer para evitar uma verdadeira guerra entre a Santa Sé e a coroa de Castela, quer por estar muito ocupado nos acontecimentos relacionados com a disputa pela posse do Ducado de Parma e Piacenza, que o Pontífice queria subtrair a Odoardo I (1612-1646), pertencente à rival família dos Farnese. Ante este clima de ressentimento e de total oposição ao reconhecimento da independência da nação portuguesa, D. Miguel decidiu então regressar à sua pátria com grande aflição pela violência sofrida e, sobretudo, por não ter cumprido a própria missão. O bispo de Lamego deixou definitivamente a urbe, desgostado, juntamente com o embaixador francês, no dia 18 de dezembro de 1642, percorrendo o mesmo itinerário da viagem de ida a Roma, notícia que foi difundida através da Gazeta do mês de março de 1643:

Aos 18 do passado o Marques de Fontenè Marevil, Embaixador de França, se partio daqui com o Bispo de Lamego, Embaixador de

<sup>73</sup> *Ivi*, p. 134 (n. 1, novembro de 1642, f. 2v).

<sup>74</sup> *Ivi*, p. 159 (n. 1-2, dezembro de 1642, f. 3r).

Portugal, acompanhados de quarenta Caualleiros. Fizerãolhes escolta, por mandado do Papa, duas companhias de Couraças, ate ás fronteiras de Toscana, onde os estão esperando muitos Cavalleiros do graõ Duque, que os recebeo com muita festa<sup>75</sup>.

A seguir, no número de abril de 1643, em relação à recusa definitiva do Papa em receber o bispo de Lamego, informava-se os leitores que Urbano VIII tinha tomado esta decisão por causa da insistência dos delegados espanhóis, segundo os quais D. Miguel não devia ser atendido por ter utilizado armas durante o ataque e por ser paladino de uma causa ilegítima, resolução que D. Miguel contestou através de uma “protestação”, publicada inteiramente nas últimas duas folhas do mesmo número:

Quanto ao Bispo de Lamego dizem, que não o havia o Papa de receber por Embaixador, por quanto os Castelhanos publicavão, que estava irregular, por haver tomando armas, no encontro do Embaixador de Castella, com elle, que he cousa galantíssima; mas que sem duvida receberia o primeiro Embaixador, que tornasse de Portugal, & que entre tanto daria hua ordem particular pera os negocios beneficiarios do dito Reyno o dito Embaixador de França teve logo audiencia de hua hora, & meya do dito Cardeal Barberino, & se espera que brevemente a terá muy favoravel de sua Santidade. Quando o illustrissimo de Lamego Embaixador de Portugal se sahio da Corte de Roma, fez hua protestação a sua Santidade na maneira seguinte<sup>76</sup>.

Na protestação em anexo à noticia, memorial dirigido ao Papa com tom grave, D. Miguel manifestou o seu total desapontamento, desiludido pelo insucesso da sua viagem, porque Urbano VIII nunca tomou, apesar das múltiplas instâncias apresentadas durante uma estada prolongada por um ano, uma «resolução no sustancial da aceitação desta obediencia»<sup>77</sup>, de molde a obter a «confirmação do titulo de Rey» conseguido por D. João IV, o qual merecia, com todo o direito, a «sua benção apostolica»<sup>78</sup>.

### 3. Considerações finais

A desventurada viagem de D. Miguel, enviado como primeiro embaixador português a Roma para defender a causa da independência nacional e a legitimidade do poder monárquico “restaurado” pela nova dinastia braganti-

---

<sup>75</sup> E. Gomes Dias, *“Gazetas da Restauração: (1641-1648), cit., p. 174 (n. 1, março de 1643, f. 2v).*

<sup>76</sup> *Ivi*, pp. 191-192 (n.1, abril de 1643, f. 5r-5v).

<sup>77</sup> *Ibidem*.

<sup>78</sup> *Ivi*, p. 194.

na, depois de sessenta anos de subordinação à coroa de Castela, conclui-se, como se depreende das notícias publicadas entre 1641 e 1643 pela “Gazeta da Restauração” e da “protestação” contra sua Santidade de autoria do próprio bispo de Lamego, divulgada publicamente através do número de abril de 1643, de maneira inesperada, uma vez que o bispo não consegue cumprir com sucesso a sua missão por causa da perpétua indecisão de Urbano VIII em lhe conceder audiência oficial.

Graças à análise textual das fontes jornalísticas autênticas da época, hoje sabemos que a estada do delegado na Cidade Eterna, por causa da exacerbada campanha antiportuguesa defendida pelos representantes castelhanos, que influenciou fortemente o Pontífice em negar audiência a D. Miguel, foi uma experiência existencial de “desencontro”, uma vez que não conseguiu integrar-se no lugar de chegada, obrigado a mudar de alojamento inúmeras vezes para escapar de um previsível ataque. Apesar disso, o bispo de Lamego continuou a lutar para adaptar-se se à sociedade romana, tentando saborear e admirar um contexto social caracterizado por diferentes usos e costumes, embora arriscasse a vida, de facto, cada vez que passeava, ingénuo, pelas estradas da capital.

Podemos concluir afirmando que a rica documentação existente, quer em Itália, quer em Portugal, sobre a missão diplomática D. Miguel na urbe, que ainda necessita de ser explorada sob o ponto de vista tanto histórico como filológico, realça a grande força espiritual do bispo como paladino da Restauração para defender a causa da coroa portuguesa, contributo que, na literatura científica existente, é parcamente estudado – ou até desconsiderado – por causa do êxito negativo da delicada tarefa diplomática que lhe foi atribuída, com altas expectativas, por D. João IV, já que assumem espaço prioritário pesquisas concernentes às disputas e às intrigas políticas surgidas durante o complexo período da monarquia dual.

Anexo. Quadro resumitivo e cronológico das 11 notícias do corpus de análise

Número	Mês	Ano	Folhas	Tema
1	novembro	1641	4r-4v	Espera da vinda de D. Miguel a Roma
1	novembro	1641	5r	Chegada de D. Miguel a Marselha
1	dezembro	1641	5v	Chegada de D. Miguel a Roma
1	fevereiro	1642	5v-6r	Relato das etapas da viagem de D. Miguel de Portugal a Roma
1	abril	1642	5r	Decisão positiva do Papa em receber D. Miguel

1	outubro	1642	5v-6r	Campanha antiportuguesa defendida pelos delegados espanhóis
1	novembro	1642	2r	Clima de tensão em Roma depois do atentado contra D. Miguel
1	novembro	1642	2v	A Santa Sé atribui a responsabilidade do ataque ao embaixador espanhol
1-2	dezembro	1642	3r	Detalhes sobre o atentado
1	março	1643	2v	Partida de D. Miguel para Portugal
1	abril	1643	5r-5v	Regresso de D. Miguel a Portugal

## Referências bibliográficas

- ADEMOLLO, ALESSANDRO (1878). *La questione della indipendenza portoghese a Roma dal 1640 al 1670*. Firenze: Tipografia della Gazzetta d'Italia.
- BAPTISTA, JÚLIO CÉSAR (1956). *Dom João IV e a Santa Sé*. Évora: s. n.
- BOCCOLINI, ALESSANDRO (2019). Viaggio e viaggiatori italiani nel Seicento: relazioni odeporiche per una nuova geografia del vecchio continente. *California Italian Studies* 9(1): 1-21.
- CELESTINI, FEDERICO (2015). La musica a Roma nel Seicento e lo spazio comunicativo europeo. In: Goulet, Anne-Madeleine / Niden, Gesa zur (Hg.). *Europäische Musiker in Venedig, Rom und Neapel (1650–1750)*, Bärenreiter: Kassel, 118-129.
- BRAZÃO, EDUARDO (1940). *A importância da diplomacia na restauração de Portugal em 1640*. Coimbra: Coimbra Editora.
- BRAZÃO, EDUARDO (1947). *A missão a Roma do Bispo de Lamego*. Coimbra: Coimbra Editora.
- CARNEIRO, PINTO (1945). *D. Miguel de Portugal*. Lamego: Edições Crisos.
- COSTA, FERNANDO DORES (2004). *A Guerra da Restauração, 1641-1668*. Lisboa: Livros Horizonte.
- DIAS, EURICO GOMES (2006). *Gazetas da Restauração: [1641-1648]. Uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas (edição transcrita)*. Lisboa: Min. Negócios Estrangeiros.
- DORES, FERNANDO COSTA (2004). *A Guerra da Restauração, 1641-1668*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GAMA, MIGUEL FONSECA DA (1954). *O bispo-Embaixador D. Miguel de Portugal*. Lamego: Edições Crisos.
- GOUVEIA, FRANCISCO VELASCO DE (1644). *Justa aclamação do sereníssimo rei de Portugal D João IV: Tratado analítico dividido em três partes: Ordenado e*

- divulgado em nome do mesmo reino, em justificação de suas ações.* Lisboa: na Oficina de Lourenço de Anveres: a custa dos tres Estados do Reyno.
- GUGLIELMINETTI, MARZIANO (ed.) (1967). *Viaggiatori del Seicento.* Torino: Utet.
- NOVOA, JAMES NELSON (2020). Agenti portoghesi posti e sovrapposti a Roma tra Cinque e Seicento. In: Sanfilippo, Matteo / Tusor, Péter (eds.). *Gli agenti presso la santa sede delle comunità e degli stati stranieri (secoli XV-XVIII).* Viterbo: Sette Città, 127-143.
- PACHECO, PANTALEÃO RODRIGUES (1643). *Manifesto do Reyno de Portugal, presentado a Santidade de Urbano VIII.* Lisboa: Na Oficina de Domingos Lopes Rosa.
- PAIVA, JOSÉ PEDRO (2019). Ora che il Portogallo ha un re che lo governi, un padre che lo consoli e un signore che lo difenda (...) signore, portatemi con voi". L'arcivescovo Rodrigo da Cunha e la Restaurazione del 1640. *Libros de la Corte* 18: 133-160.
- PETITJEAN, ANDRÉ (1989). Les typologies textuelles. *Pratiques: linguistique, littérature, didactique* 62: 86-125.
- PONZIANI, DANIELE (2017). L'Archivio del Sant'Uffizio come fonte per la storia degli stranieri a Roma (XVI-XVIII sec.). In Cabibbo, Sara / Serra, Alessandro (eds.). *Venire a Roma, Restare a Roma. Forestieri e stranieri fra Quattro e Settecento.* Roma: RomaTrePress, 327-343.
- PORTILHO, ANA CLÁUDIA (2012). O ator santa sé na política internacional moderna. *Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos* 1(2): 47-68.
- ROCHA, FRANCISCO JOSÉ MARTINS, (1928). O Embaixador da Independência. In: Rocha, Francisco José Martins (ed.). *Legendas de Portugal.* Lisboa: s. n., 5-39.
- ROSSI, MARIA ANTONIETTA (2016). Il viaggio a Roma di D. Miguel, vescovo di Lamego, come ambasciatore del re D. João IV di Portogallo durante l'epoca della Restaurazione. In: Rossi, Maria Antonietta (ed.). *Incontri e Disincontri Luso-Italiani, secoli XVI e XXI.* Viterbo: Sette Città, 53-66.
- ROSSI, MARIA ANTONIETTA (2022). La campagna iberista nella rivista modernista portoghese Contemporânea (1922-1926). *Confluenze – Rivista di Studi Iberoamericani* XIV (1): 821-846.
- SABATINI, FRANCESCO (1999). «Rigidità-esplicitzza» vs «elasticità-implicitzza»: possibili parametri massimi per una tipologia dei testi. In: Sabatini, Francesco (ed.). *Linguistica Testuale Comparativa.* Copenhagen: Gunver Skytte, Museum Tusulanum Press, 142-172.
- SAEZ DELGADO, ANTONIO / SANTIAGO, PÉREZ ISASI (2018). *De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales ibéricas (1870-1930).* Granada: La Vela.
- SANFILIPPO, MATTEO (2007). Migrazioni a Roma tra età moderna e contemporanea. *Studi Emigrazione/Migration Studies* XLIV(165): 19-32.
- SIMÕES, ANDRÉ (2018). Portugal Restaurado no Arquivo Secreto Vaticano. *Cadernos culturais da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna* 7: 1-19.
- SOUSA, JORGE PEDRO et al. (2009). A acção jornalística dos gazeteiros portugueses da primeira metade do século XVII. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais* 6: 18-28.

- SOUSA, JORGE PEDRO *et al.* (eds.) (2011). *A Gazeta “da Restauração”: Primeiro Periódico Português – Uma análise do discurso*. Covilhã: Livros LabCom.
- SOUSA, JORGE PEDRO / LIMA, MARIA ÉRICA DE OLIVEIRA (2013). Das Relações ao Mercúrio: A conquista da periodicidade e as transformações morfológicas e de conteúdo no jornalismo português do século XVII. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación* 121: 47-55.
- SOUSA, JORGE PEDRO ALMEIDA (2018). Gazeta da restauração (1641-1642): a introdução do periodismo noticioso em Portugal. In: Sousa, Jorge Pedro Almeida (ed.). *Notícias em Portugal. Estudos sobre a imprensa informativa (século XVI-XX)*. Lisboa: ICNOVA, 27-50.
- TENGARRINHA, JOSÉ (1989). *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- WERLICH, EGON (1975). *Typologie der Texte; Entwurf eines textlinguistischen Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik*. Heidelberg: Quelle & Meyer.



1. Sonia Netto Salomão, *A língua portuguesa nos seus percursos multiculturais*, 2012
2. Simone Celani, *Alle origini della grammaticografia portoghese*, 2012.
3. Patrícia Peralta Ferreira, *Terminologias do turismo. Instrumentos para a formação especializada em língua portuguesa*, 2013.
4. Sonia Netto Salomão, Giorgio de Marchis, Simone Celani (a cura di), *Italia, Portogallo, Brasile: un incontro di storia, lingua e letteratura attraverso i secoli*, 2014.
5. Sonia Netto Salomão, (a cura di), *Temas da Língua Portuguesa: do Pluricentrismo à Didática*, 2020.
6. Sonia Netto Salomão, José Luís Jobim, Simone Celani (a cura di), *Voci del passato nella complessità della memoria / Vozes do passado na complexidade da memória*, 2020.
7. Michela Graziosi, *Il lessico di Graciliano Ramos. Un vocabolario bilingue*, 2023.
8. Eugénio de Andrade, *Vertentes do Olhar / Versanti dello sguardo*, Edizione bilingue, 2024.
9. Sonia Netto Salomão, Mariagrazia Russo, Giorgio de Marchis, Simone Celani, Federico Bertolazzi (a cura di), *“Livre no tempo e em pedra aprisionada”*, 2024.

Finito di stampare nel mese di ottobre 2024  
presso la tipografia The Factory Srl  
per conto di "Nuova Cultura"  
p.le Aldo Moro n. 5, 00185 Roma  
[www.nuovacultura.it](http://www.nuovacultura.it)  
per ordini: [ordini@nuovacultura.it](mailto:ordini@nuovacultura.it)

[9788833656977\_17x24Misto\_7\_MP05]